

FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE A CAUSA DA PATRIA

PUBLICA-SE AS QUARTAS FEIRAS

NUMERO 76

2.º ANNO

Assigna-se e vende-se em casa do sr. Joaquim José Vieira da Rocha, na rua do Souto n.º 41.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 1\$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte). Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO, 30 rs.

EXPEDIENTE

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, com a possível brevidade. O atraso em que muitos estão tem-nos causado danos bastante graves e é por isso que fazemos este pedido.

BRAGA 27 DE AGOSTO DE 1872

Espectaculos liberaes.

Desce contra a turba dos conspiradores, ainda de todo ignota ao publico, os novos Xerxes ministeriaes, suffocados quasi na vanga tumida e possante da sua immensa punjaça guerreira.

Trazem, apoz si, os corruptos satrapas da situação, e os soldados mercenários da sua politica. Ameaçam ferros e terrores, a que ninguém, segundo sam temerosas as apparencias, difficilmente poderá resistir. Veem no seu sequito os panegyristas devotados, que ham-de gravar, nos marmores, o epinício dos seus proprios feitos. Promettem confundir e exterminar os conspiradores, por maneira que nem lhes seja permitido o mais escondido resfolegar.

E' o que observamos em todo esse aparato bellico, com que o ministerio tem ditado premissas contra os que tramam a alteração da ordem, preparam a queda da dynastia, e minam a independencia da patria.

Nós, porém, preleccionados pela historia contemporanea, e scientes pela experiencia, sabemos o que importa todo esse scenario liberal, que provoca a gargalhada homérica de uns, a tristeza profunda de outros, e a indignação suprema da maioria dos cidadãos.

Faz o governo alardo de lustrosa e bizarra gente marcial para abatar a revolta todos os dias, annunciada e todos os dias mallograda. Quem sam, porém, os que se aprestavam a revoltar-se? Refere o ministerio, e repetem os seus amoucos que se aliciava na propria milicia nacional o nucleo dos perturbadores, que deviam engrossar em numero pelos populares que se lhes aggregaram na hora apressada!

Se assim é, se a conflagração eminente seria executada pelos suspeitos militares e pela esperada multidão, onde está essa tam apregoadada e essa tam pouco acreditada sympathia popular, para com os augustos viantes, que ainda há pouco se recolheram das provincias, cobertos de applausos, vergando ao pezo de louros, abafados sob nuvens de flores que da mais obscura aldeia, como da mais ruidosa cidade, lhes derramaram as prodigas mãos do povo reconhecido?

Pois, ainda há alguns dias apenas, reboavam os hymnos festivos em honra da dynastia e das instituições, proclamando a solidez da creença e affeição popular e já hoje estão os festeiros comboiados nas trevas para fazerem baquear o objecto querido dos seus amores de hontem? Pois ainda hontem o artista, o lavrador, o commerciante, e o barão formavam alas com a tropa para saudarem com enthusiasmo o real cortejo, e gosarem do sorriso louro dos altos personagens, e já agora o barão, o commerciante, o lavrador e o artista, todos tramam, pavorosos e tetricos, contra o seu idolo?

Mysterio das cousas humanas! Assombro da politica constitucional!

Qual será o pomo de discordia que subito irrompeu entre estas partes? Seriam chimericos os festejos de hontem? Será uma burla a annunciada conspiração de hoje?...

Fallemos com verdade e seriedade. Nem as folias da viagem real tiveram significação além do augmento do desprestigio da realza liberal, nem a conjuração proclamada com tanto susto e estremecimento, tem o valor que lhe attribuem os aulicos ministeriaes.

Portugal sob o dominio da liberdade vae declivando na ladeira que conduz ao abysmo. Os que o arrastam até lá, vãos de amor da patria, e já repletos de quanto podiam haurir de suas fontes de riqueza, divertem-se a vél-o descer, descer ao som

da gargalhada festival de uns, do sarcasmo tenebroso de outros, e da javeja agitadora de terceiros.

Não temos que registrar contradicções. Não temos que assustarmo-nos com apparatos marciaes. Não temos que admirar nenhum, ao parecer, surprehendente successo.

A liberdade caminha na sua estrada normal. Obedece á sua sina. Vae-se regendo pelas suas regras.

Os que guardam no peito o fogo sagrado do amor da patria, chorem esta decadencia do seu paiz, está ignominia lançada pelos proprios filhos ás faces da mãe veneranda que lhes deu o ser, o pão e o abrigo, mediante Deus.

A expiação é longa e dolorosa; mas a grandeza do triumpho mede-se pela magnitude do sacrificio.

Com o coração confiado no ceo, e a lucta corajosa na terra, o premio da victoria é infallivel.

Saber esperar é vencer.

Correspondencia d'algures.

(Veja-se o n.º 47)

O Ir. — Otto em talas. — Boa noticia. — Desmentido á «Revolução» por ella mesma. — Os Grachos do «Diario da tarde» De seccion quarentes, e duas palavras á «Palavra». — Felizes contradicções. — Volta-se aos «tardeiros». — Do mal a menos. — Capazes de tudo! — Protesto dos catholicos allemães em favor dos jesuitas. — O conde d'Aremberg. — Tentativa penicheira. — Prisões, etc. — O «Conimbricense» e o dizê tu direi eu. — Bons livros. — Noticias seguras das eleições municipaes em Roma. — Viva a Sicilia!

Amigos redactores

Agradecendo ex corde a boa recepção que fizestes á minha primeira Correspondencia d'algures, e, passando uma pequenina esponja d'esquecimento sobre os erros de imprensa com que os snrs. compositores a embelezaram, vou-me de novo entreter amavelmente convosco por alguns momentos, fallando-vos dos assumptos conimbricenses em que já toquei na minha precedente, e d'outras coisas mais... Ando apressado, bem vedes. Ainda não fez um anno, me parece, que vos mandei a minha penultima correspondencia; há 6 mezes pôde ser. Bagatella!... Desculpae!

Primeiramente, deveis saber que o Ir. Otto está furioso por não atinar em como sair-se do «vespereiro» onde se metteu, vindo advogar a causa da maçonaria covam populo, isto é, perante os profanos. O «Echo de Roma» tem-n'o tosado com mão de mestre, sem dó nem piedade. Os Ir. signatarios da Circular estão arrependidos de terem vindo a lume com umas tantas coizas; e quanto á parlapatic imprudente do Ir. Otto, quasi não ha entre os chafariqueiros quem a não condemne. Se estes irmãosinhos sam tam amantes da luz, por que se irritam com os esclarecimentos do «Echo», vindos tam a proposito depois das suas estiradas, palradeiras e mentirosas peças d'architectura. — a Prancha e a Circular — que segundo os dizes do Conimbricense até merecerem entre os ibericos di lá as honras da traducção? Nada, estes homens luzentes, por mais que digam, só amam as trevas. Quem os quizer ver encavacados é fazer claridade; e expor á luz as suas peças e as suas obras. Bem haja pois, o «Echo de Roma», e que nunca as mãos doiam a seu valente redactor! Vereis que os excellentes artigos — o que é a Maçonaria — que bem fizestes em reproduzir, ficaram sem resposta, — seria pelo menos. Dar estalinhos e escreevinhar destemperos, custa menos do que responder áquillo.

Já parece que se contam alguns desiludidos, graças a esta polemica que temos presenciado nos ultimos mezes, sustentada da parte catholica pelo Bem Publico, Nacão e Echo. Ainda bem! Em verdade ella tem sido monumental entre nós. Espero que faça epocha. Tam sómente os cegos voluntarios é que ficarão sem vêr. Uma tosa assim creio que nunca a levarão em Portugal os filhos da vivua. Obra de misericordia mais meritoria não se lhes podia fazer. Embora muitos o desconhecam, mais cedo ou mais tarde não deixará de lhes ser proveitosa.

Agora uma boa noticia: — Todos aquellos artigos do «Echo» vão ser reunidos e publicados n'um folheto em Guimarães pelo sr. Teixeira de Freitas, precedidos d'uma longa carta com importantes revelações, e annotados por um redactor do «Echo de Roma».

Desde já deveis dar os parabens ao sr. Teixeira pelo importante serviço que vae fazer á boa causa.

E a «Revolução de Setembro» a vir declarada ultimamente, com sua innocencia proverbial, que a maçonaria nada tem com a politica! E o «incolor» «Diario de noticias» a dar-se por satisfeito, porque só gosta da «verdade»!.. Ha dias foi revista pela policia em Lisboa uma loja maçonica, por ser ou se julgar foco de conspiração! Quem a mandou revistar foi o sr. Sampaio da «Revolução» e os seus amigos. Castigo de Deus! Assim se desmentem a si mesmos...

E o «Diario da tarde» a queixar-se da «Palavra» que o maltrata! E' de fazer rir as pedras...

Se as vossas ideias vingarem um dia (os homens do «Diario» já o dam como possível) sabei desde já que o devereis á benevolencia d'aquelles liberastas que vos ameaçam os folles («cuidado com os folles!») e que promettem fazer tocar os «sinos a fogo». — Irra com elles e com a sua benevolencia, direis vós. — Tendes razão. E' verdade que ordinariamente édo que ladra não morde. Mas quem sabe? Cuvelata e caldo de galinha... Por isso não fazem mal os redactores da «Palavra» em não accedem aos desejos dos lobis-homens tardeiros, dizendo cada dia o me me adsum qui feci. Se não querem jogar o pugilato na mão, como os garotos («braco a braco sic»), ou serem victima a qualquer esquinha (do que me consta terem sido ameaçados pela genitua urbana), que vam dando para baixo (é obra de misericordia), corrigindo erros, desmascarando «biltres e patifes», sem mais considerações que as que pede a justiça e a probidade. Quanto ás queixas dos «vesperinos meetingueiros», quem não quer passar por lobo que lhe não vista a pelle. Demais, «quis tulerit grachos de secciona quarentes?» — como disse o Orador latino em occasião quasi similhante. Querem um Deus pra si e outro para os demais. Estam servidos.

Já sabereis que um redactor (o principal) do «Commercio» de Lisboa mandou educar suas filhas n'um convento de França. A proposito, lêde: «Felizes contradicções. — Alguns admiram que o «Journal do Commercio» diga saudades e cobras contra a educação jesuitica e que um de seus redactores mandasse educar as filhas no Sacré Coeur — casa de educação, jesuitica por excellencia; mas quem ignora que multissimos liberaes tem leido outro tanto e o estam fazendo a cada passo? Luis Blanc, o celebre socialista, inimigo fidal dos jesuitas, segundo parecia em seus escriptos, ficando não ha muitos annos tutor d'um joven sobrinho a quem tinha grande affecto, determinou sem alguma hesitação fazel-o educar n'um collegio de Jesuitas! Tendo vergonha de fazer isso em França, mandou-o para Espanha e lá o teve varios annos no grande collegio de Carrión de los Condes de que a setembrina se apoderou como se apodera um ladrão d'estrada da bolsa d'um passageiro. Quando alguns dos seus amigos deram por isso, exprobravam-lho rindo, e L. Blanc, rindo tambem, e encolhendo os hombros, dizia: «E' verdade! Mas que quereis? Nenhum dos nossos sabe ensinar e muito menos educar como aquelles ma dos! Por isso é que eu os estimo ao mesmo tempo que lhes faço guerra. Talvez d'aqui a 50 ou 100 annos os possamos dispensar».

Entendam-no lá!. E como este puderam-se citar centenas de casos.

Lembrou-nos isto a proposito d'uma correspondencia de Roma que acabamos de ler na «Civittá Catholica» de 3 do corrente (n.º 531, pag. 252) em que se conta a resposta dada por... um dos mais insignes e activos promotores do ensino secularizado, a quem lhe perguntára em que escola devia pôr seu filho: «Aonde quizerdes, menos aonde só se ensina a immoralidade e a irreligião: = Ponetelo dove volete; ma non cola, dove è scuola non d'olteche d'immoralità e d'irreligione». — «Em particular, uns com os outros, fallam assim», = accrescenta o correspondente. O caso é

que o pequeno romano, filho d'um liberasta, lá foi para uma escola de jesuitas! E ainda haverá quem se fie em certos palavrões e em certas indignações de comedia! verdadeiros farçantes, certos liberastas! Por fim de contas, antes assim...

Que vos parece?

Não achais engraçado o proceder d'estes homens? Eu acho. Olé s'achol!

Voltando aos «tardeiros», offereça-vos a seguinte noticia que acabo de ler n'um jornal serio: «Consta que os que pagam a empreitada de certo «Diario» portuense, achando-se nimamente exaggerados certos artigos anti-papistas (que taes elles seriam!), não ficaram muito contentes com os Urbanos, Apolares, Bragas, Brunos etc. e recommendaram mais «moderação», porque trop de zelo prejudica a boa causa d'aquelles santos varões, mais hypocritas do que os seus brutos instrumentos.

Além d'isso, recommendou-se que se não esquecesse da ultima palavra d'ordem e por conseguinte que não atacassem de vez em quando a monarchia, como estam fazendo, ao mesmo tempo que fazem tantos salamalekes ao soberano, que despem as cazacas para lhe servirem d'alcatafia, e que são convitados á sua mesa — os republicanos vermelhos e democraticos!

Ha idéas até de elevar ao ministerio o poeta Braga do «Rio Fraterno», cantor de Cain; o Urbano sem urbanidade, e quaesquer outros dos republicanos «vesperinos» com tanto que mostrem ter juizo por mais um pouco. Ah! ah!...

Tudo pôde ser n'estes tempos que correm, e ninguém pôde afirmar: «d'esta aqua não beberei». Ai de vós, «patifes», se os «vesperinos» empolgam as pastas! Va viciis! Enão sabereis o que é a liberdade; — uma liberdade similhante á de que estam gozando actualmente os Jesuitas na Alemanha...

— Quem déra! Peor que isso. Na Alemanha,

«Do mal o menos! — Os liberaes do mundo inteiro (liberaes do alheio, no mundo inteiro, deviamos dizer) devem estar desesperados com o poderoso chanceller da Alemanha, porque expulsando os Jesuitas de suas casas e obrigando a dissolver as communidades, — no que a todos os liberaes deu um grande alegrão —, não fez contudo o que sempre se tinha feito até aqui em toda a parte; não desceu até á infame vileza de lhes roubar os proprios livros, a roupa de seu uso, os trastes, etc. Assim é que os Jesuitas de Paderborn e d'outras cidades, antes de partirem, puderam vender em hasta publica os seus velhos trastes, que chegaram a um preço exorbitante, — muito mais do dobro! — porque todos os catholicos abonados queriam ficar com alguma cousa que tivesse pertencido aos Padres, declarando muitos d'elles que era só para lh'as guardar até que vo lassem.

Bismark, n'este ponto, envergonhou os nossos bismarkinhos de 34 e os hispanhoes de 68, para não irmos mais longe, pois que estes com difficuldade não roubaram os breviarios aos pobres religiosos. Do mal o menos!

Os liberaes d'aqui não são como os liberaes de lá que se contentam de expulsar de sua casa e de sua patria quem lhes nao agrada, embora não tenha commetido o minimo crime pelo qual mereça taes rigores. Os liberaes d'aqui querem expulsar, mas querem especialmente roubar e caluniar. Elles gritam contra a inquisição, bem o sei; mas nasceram para inquisidores, e se vissemos n'outro tempo seriam todos familiares do santo officio, — podeis estar certos d'isso.

Sao capazes de tudo!, diz o «Correio da Tarde», e accrescenta:

D'uma carta escripta do Porto, por pessoa insuspeita, a um nosso amigo, transcrevemos o seguinte trecho:

«Effectivamente, meu amigo, isto aqui está muito mau, e talvez não haja terra alguma em Portugal onde a guerra ao electro seja tão descarada como aqui. Eu limito-me a passar com... e vivo bem com todos; porém ouço cousas que me fazem crer n'um cataclismo imminente. Ha dias houve como sabes um meeting convocado pela... redacção do celebre «Diario da Tarde...» Ah! se saltaram as maiores inconveniencias (segundo soube pelo commendador F., que lá foi). Houve até menino que

queria ir já... de cacete em punho e dar para baixo!! Santo Deus! a que tempo chegámos! E chama-se a isto liberdade!!!

«Só a vista te poderia contar o que ouço que a ganalha tem projectado contra aquelles pobres homens, que eu nem sequer conheço. Só te direi — e d'aqui collige tu — que me affiancaram se andava a procurar uma mulher cuja filha se confessasse com o padre F... a fim de que ella dissesse (por dinheiro, que elle a tinha solicitado no confessorio, etc.

Agora note-se que o signatario d'esta carta não é legitimista. Pedemos ainda acresecpar que é empregado publico.

Nós porém estamos mais adelantados de que elle; sabemos, antes, cousas a respeito de dinheiro, de confissões, e de confessores (dos meetingueiros sobre tudo, que parece terem alcançado do governo a preciza licença ha poucas semanas requerida, para exercerem o ministerio). Apesar d'isso, precisamos de certo esclarecimento; e portanto,

Uma pergunta ao «Diario da Tarde», do Porto, e aos seus echos de Lisboa, o «Journal do Commercio»: — Poder-nos ha dizer os collegas d'onde procedem certas libras esterlinas que tem caído nas mãos de certa mulher portuense, para diffamar certo padre? Foram colludadas por subscrição em alguma chafarica do Porto, vieram do grande oriente do Brazil, ou existe por ali alguma alma caritativa que as subministra?

E' grande a nossa curiosidade e ficamos anciosos pela resposta.

Os collegas do «Correio» podem esperar sentados.

Já que vos fallei dos Jesuitas da Alemanha, quero fallar-vos tambem do energico protesto da Associação catholica de Moguncia contra a expulsão tyrannica e brutal d'aquelles padres, e do proceder verdadeiramente nobre e grandioso do duque d'Aremberg. O protesto eil-o aqui:

«Na abertura do parlamento allemão no corrente anno Sua Magestade o imperador da Allamania, terminava o discurso do throno por estas palavras: «Possa a restauração do imperio germanico ser para a nação allemã, mesmo no interior, uma garantia de nossa grandeza. Permitta Deus que a guerra do imperio allemão, hoje gloriosamente terminada, succeda uma paz não menos gloriosa, e todos os subditos d'este imperio possam de futuro mostrar-se vencedores, e gozar os beneficios d'esta paz».

A expectativa, que taes palavras autorisavam não se verificou. Em opposição porém ao desejo expresso pelo chefe supremo da nação allemã, alguns partidos, a cuja frente appareceu a Associação dos protestantes com as suas resoluções de Darmstadt de 4 e 5 de outubro de 1871, lançaram a luva de desafio á Egreja Catholica, e escreeveram na sua bandeira: Guerra ás instituições da Egreja, semeando d'este modo no imperio o germen da discordia e do odio. Desde então os catholicos veem continuamente esbravejar contra si as ondas da calumnia e das perseguições, e foi com grande dôr e consternação que viram essas calumnias fazer echo no parlamento e promoverem decisões tão deploraveis. Vemo-nos, pois, obrigados a apresentar um solemne protesto contra tal procedimento, e especialmente contra as resoluções do parlamento de 19 de junho, porque são ellas, segundo nossa intima convicção:

1.º Uma grave offensa á Egreja Catholica, que approvou e tomou por seu serviço a Ordem da Companhia de Jesus; bem como uma ameaça a todos os catholicos, que tem communs com ella os principios da fé e da moral.

2.º Um ataque injustificavel á liberdade pessoal, uma condemnação d'innocentes cidadãos do estado, contra os quaes se fizeram as mais graves accusações, sem se lhes permitir o exercicio do direito concedido a todos os malficitores, isto é, serem ouvidos pelo juiz, e protegidos pela defeza.

3.º Um acto de ingratitude de que a patria se fez ré, contra esses filhos seus, que segundo o testemunho universal, deram, em todos os tempos calamitosos, brillantes provas de coragem e de abnegação.

4.º Um desprezo da voz do povo que alta e solememente, fallou em mais duas mil petições.

5.º Uma perturbação da paz religiosa, um attentado á tranquillidade e segurança da patria.

Protestamos além d'isso contra aquelas decisões, porque julgamos indigno da grandeza e poder da Allemanha proceder com medidas violentas contra o numero de duzentos sacerdotes apenas: protesta-mos, porque essas decisões formam um anel na cadeia d'aquelles actos que tendem a atacar a interna organização da Igreja e a prejudicar este reino celeste, fundado por Christo na terra, assim na sua liberdade, como nos seus direitos, garantidos pela constituição do estado, e a julgar-o ao capricho arbitrário dos poderes da terra.

Nós, como catholicos que somos, não consentiremos nunca que se deixe á descripção do arbitrio e do capricho de maiores inimigas da fé, o que possuimos de mais sancto: a nossa religião deve ser livre e independente, a fim de que desempenhe, sem obstaculos, a sua alta missão para a paz e bem estar da patria.

Mogúncia, 8 de julho de 1872. Seguem-se as assignaturas do Barão de Loc, presidente, etc., etc.

Sobre o procedimento do duque d'Aremberg para com os Jesuitas, eis o que leio no 'Univers' de 31 de julho:

Annunciamos ultimamente que o sr. duque d'Aremberg tinha posto as suas propriedades da Belgica á disposição dos Jesuitas expulsos da Prussia. O sr. Barão de Morgan escreveu-nos a este respeito a carta seguinte:

Senhor

Que grande coisa é a nobreza quando ella é noble! dizia Plutarco.

Tendes lido ou ouvido dizer como o homem, que tem um d'estes nomes, que a revolução pôde apagar da chronologia real, mas não pôde impedir de se conservar á frente da nobreza europea, acaba de responder a esse alto aventureiro da revolução feito príncipe, na grande obra da falsificação do Santo Imperio e da nobreza christã.

O Duque d'Aremberg, com quanto não seja príncipe reinante, nem por isso deixa de ser um grande Senhor na Prussia, na Belgica, e em toda a parte onde elle está, onde elle segue, e onde o segue, como dizem os tratados, o estatuto real de seus bens. Acaba de responder a M. de Bismark, na Prussia, pondo as suas residencias da Belgica á disposição dos Padres Jesuitas desterrados da Prussia.

Ha alguns annos, na Belgica, o Estado constitucional poz a mão n'um d'estes recolhimentos que se podem chamar cidades de Deus, como as grandes e antigas casas de intellectes se chamam hospitaes e palacios de Deus; a sua origem perde-se e acha-se nas fundações da Christandade do tempo de Carlos Magno, o Duque d'Aremberg soube fazer um uso publico da sua fortuna particular, resgatando para uso d'elles a cidade dos pobres.

A revolução pôde não querer ouvir falar mais, d'Alteza Serenissima, não poderá, porém ella attingir aquella altura onde a arca da nobreza sobrenada acima do diluvio universal das almas mais altas que o seu tempo, 'temporibus suis excellens', e não poderá alterar a serenidade e o valor do seu julgamento, da sua vontade, e da sua acção contra os prejuizos e paixões do dia.

Deus não quer, pois, que nós desesperemos mesmo á vista da fraqueza do bem medida pela força das cousas para castigo do mal. Faz-nos ainda ver algumas vezes o que podem a tradição do bem moral e do material reunidas, quero dizer o que vale e pode fazer a nobreza, quando os grandes meios de acção não se perdem vergonhosamente por falta de boas idéas, ou que as grandes e nobres idéas vegetem sem desenvolvimento exterior por falta de meios sufficientes.

Dignei-vos, Senhor, aceitar os meus respeito.

Barão de Mougan.

Mont-Trinité, 27 de julho.

Não é só na Allemanha que apparecem d'estes homens dedicados. Na Hollanda mortos senhores da mais alta nobreza mandaram offerecer aos Jesuitas alienadas casas e terrenos, se quizessem aproveitar-se da sua hospedagem «que era do coração».

Da tentativa pincheira, Iberica ou não Iberica estas lartos de saber. Estes dias tem havido varias prisões em Lisboa e n'outras partes, segundo dizem. O «Diario da Tarde» hade dizer que tudo isto é obra de reaccionarios e jesuitas. Também o disse em Lisboa a «Crença Liberal!» A verdade é ser tudo isto (e o mais que hade vir) obra da impiedade revolucionaria e da liberastá maçonaria; isto é das idéias que alvagam os taes jornalistas que poem o ramo n'uma parte para venderem o vinho na outra. Quem os conhecer...

Alguem attribua a coisa a planos ihericos federalistas. Eu inclino-me para ali. Outros a planos ambiciosos da casa de Saboya. O «Bem Publico», por exemplo, escreve a tal respeito:

E não menos sentimo que nem o simples bom senso, a historia antiga, e até os factos ainda de hontem, nos não auctorisem a partillar da plena coifança de que o sr.

Teixeira de Vasconcellos se mostra possuido para com a generosidade da casa de Saboya. A historia antiga aponta-nos para esta casa atraíndo tudo e todos para subir e engrandecer-se, e conseguindo-o por esses meios ignobes e reprovados; e pelo que respeita aos factos contemporaneos, é possível que o illustrado escriptor não tenha conhecimento da indignação de lord Normandy, ministro da Inglaterra em Florença, ao ver as traíções e insidias que a diplomacia piemonteza praticava na Toscana, em nome de Victor Manuel, proximo parente do grão-duque, á coragem de cujo pai devia elle não ter morrido queimado ainda no berço, no incendio do palacio? Já esqueceu as traíções da mesma diplomacia em Roma, pouco antes da emboscada sanguinolenta de Castellidaro? dormiria acaso quando o enviado extraordinario partia de Turim para Napoles com o fim ostensivo de fazer um tractado d'intima alliança com o rei de Napoles, proximo parente de Victor Manuel, mas realmente para dar mais actividade ás conspirações que pagava contra elle o seu governo? ou dormiriam os que lerem a sua declaração a toda a Europa de que reprovava o fribusteirismo de Garibaldi; quando o viu em perigo mandou tropas contra aquelle rei, e a favor do fribusteiro; e finalmente, quando expulsou á força de bombas e... etc., declarar exactamente o contrario do que tinha declarado? Agora o bom senso diz-nos que *filho de peixe sabe nadar; o cesteiro que fez um cesto, faz um cento».*

Por ultimo, já sabereis que o «Conimbricense está furioso por causa d'um artigo que ha dias escreveu a «Nação» provocada pelos festejos pirraça.

O «Correio» diz com razão:

Com muito custo arranjou uma meia columna de desaforos e crimes, nem todos praticados por homens legitimistas ou que taes se diziam, em prejuizo dos liberes no meio do furor da guerra civil, e quando as paixões politicas andavam mais accezas.

O «Conimbricense» e os outros jornaes que lhe seguem as pizzas, bem sabem que lhes podiamos responder triunfantemente, oppo-nendo a essa meia columna, columnas e columnas de horrores e infamissimos crimes commettidos pelos seus contra os nosos correligionarios, antes, durante e mesmo depois da guerra civil, não se podendo por conseguinte invocar para muitos d'elles as circunstancias atenuantes dos primeiros. Já em parte fizemos isso ali por 1850 ou 1851. Agora não queremos nem devemos. Já é tempo de que essas tristes coisas esqueçam e de que se perdoem muros agravos. Todos os temos por certo. E por isso que só de passagem lhes tocamos. Mas sempre nos parece bem estranho, para outra coisa não dizer; que se queixe de vinganças politicas o partido do qual foram instrumentos d'altos feitos os cavalleiros Brandões e outros heroes similhantes.

Depois, não será verdade que muitos caceteiros, etc., não eram no fundo d'alma legitimistas, pois que mais tarde os vimos francamente a serviço da liberdade liberal, como antes o tinham sido encubertos?

Quem pois sofrerá as queixas d'estes novos Grachos?

Precisa-se para isso uma boa doze de paciência.

Já era bem tempo de se acabar com estes *dix tu, dixi eu* que os snrs. liberastas estão continuamente a provocar como se não tivessem toldado de vidro, ou mais claro, culpas no cartorio.

Recomendo-vos e peço que recomendeis a vossos leitores a «Historia da Igreja Catholica em Portugal», por José de Souza Amado, Presbytero secular. Já sahio o 4.º vol. Acabo de ler o 3.º, e fiquei encantado. O Rd.º Souza Amado, depois de muito estudo diz o que sente e sente o que diz. Contemplações tem-n'as só com a verdade. E' assim que eu gosto d'um historiador.

Recomendo-vos tambem o livrinho do padre Boutaud, — *Metho para conversar com Deus, seguido do Bom emprego do tempo*, traduzido ultimamente do francez por Francisco Soares da Cunha. E' pequeno; mas no seu genero não tenho visto nada melhor. Repassadas de uneção parecem inspiradas aquellas paginas. Quanto iriam melhor as coisas, se em lugar de certos romances e folhetins se lessem e propagassem livrinhos d'estes!

Quereis noticias d'Italia a respeito das eleições municipaes? Posso-vos dar seguras. A victoria moral pertenceu inquestionavelmente aos catholicos. Além de vencerem em muitos pontos da Italia, mesmo em Roma, apesar das mil poucas-vergonhas commettidas pelo governo e por seus agentes, afastando da urna muito mais de 6.000 catholicos, os celebres 46 do *celebrissimo* plebeito, multiplicaram-se! Cinco mil empregados publicos e bozurros, estranhos a Roma, alcançaram carta de votantes municipaes! Pois bem, repare agora na estatistica que transcrevo alittavam do excellentisimo diário romano «Le Catholique», n.º 96, de 7 d'Agosto.

Os eleitores inscritos eram 13,369. O candidato liberal mais votado, teve

5,340, — apenas um terço da cifra dos electores! A lista republicana obteve apenas 855 votos. A catholica, abandonada como disse pela grande maioria, ainda assim obteve 1820 votos.

O numero dos electores que tomaram parte na votação eleva-se a 8,015. Deduzindo este n.º da cifra total, restam 7354 abstenções.

Estas abtenções não se podem de modo algum attribuir ao partido liberal, sabendo-se que o ministro Lauza e companhia fez votar todos os empregados do governo, sem exceptuar os militares, os porteiros, os agentes de policia e até os palafreiros negros do Quirinal.

Sette mil abstenções pelo menos eram pois de catholicos, incluindo todo o clero que quasi á ultima hora resolveu não ir á urna em vista do que se passava e do peor que se temia. O «Catholique» levou muito a mal esta abstenção *en masse* do clero. Mas eu estou bem convencido de que houve forte razão para ella. Em todo o caso, já se vê de quem foi a victoria moral; não pôde haver uma sombra de duvida. De resto, a presente lucto foi um pequeno ensaio, como todos dizem.

Na Sicilia venceram os catholicos em quasi toda a ilha. Vivam os sicilianos! Com elles não se brinca. Os italianissimos anti-catholicos *dam-se a pérsos*. Deixal-os. E adeus. — Todo vosso

REVISTA ESTRANGEIRA

Da leitura dos mais ou menos liberes periodicos estrangeiros, quando se occupam do movimento carlista, que bastante os preocupa, deprehendese, pelas continuadas contradicções por elles commettidas, que a sollevação continua activissima não só nas provincias do norte mas tambem em algumas do centro e do sul da Hispanha.

Estes periodicos, para causarem desalento e fazerem perder o animo e coragem aos carlistas e aos legitimistas dos demais paizes da Europa, ora dizem «D. Carlos ter voltado para Gencbra, ora o escondido ou preso na fronteira franceza, ora espalham a noticia de que elle mandará terminar a guerra, e determinára aos seus que se acolhessem ao indulto por ter feito alliança com o partido affonsino. E de tudo isto, mentira palpavel, que demonstra concludentemente a importancia e o cuidado que lhes dão os carlistas, se póde concluir que a sublevação está hoje tomando proporções taes de desenvolvimento, que mui brevemente ha de causar espanto e medo á Europa liberal, como já hoje causa ao governo amadeista.

E que o governo hispanhol tem medo prova-o *La Correspondencia*, dizendo que se faz urgente mais tropa nas provincias do norte e na Catalonha para poder terminar-se de vez com o devantamento carlista, porque prepara, se já o não fez, um novo, consideravel e importantissimo alistamento. Para fortalecer as palavras do supradito periodico, um outro tambem liberal, porque é affonsino, *La Epoca*, escreve que no dia 7 do proximo futuro setembro, segundo uns, e no dia 24 do corrente, segunda outros, as juntas carlistas devem de novo pôr em campo nas Provincias Vascongadas, Navarra e Catalonha massas de paisanos armados.

La Reconquista, sobre as sympathias que em Roma tem a causa de Carlos VII, escreve o seguinte que transcrevemos: «Recebemos uma carta de Roma com data de 11 do corrente, na qual nos dão interessantes noticias sobre as crescentes sympathias de que a santa causa de D. Carlos goza na capital do mundo catholico.

«Todos os periodicos religiosos d'aquella cidade dedicam elogios entusiasticos aos bravos carlistas, que com valor e heroismo sem igual derramam actualmente o seu sangue pela santa causa symbolisada no lema de *Dios, Patria, y Rey*».

Recentemente n'uma das sollemnes audiencias que o Papa concede aos fiéis de Roma, as acclamações a Pio IX misturam-se com as de Carlos VII — *Re legitimo di Spagna*.

A pessoa que nos dá estas noticias, fallando da causa de D. Afonso, diz-nos que está completamente desprotegida nas mais elevadas classes de Roma, e que só D. Carlos alli é considerado como legitimo representante da monarchia catholica em Hispanha.

E, como em Roma, em alguns outros paizes da Europa, se não em todos, tem a causa de D. Carlos VII muitas sympathias em todas as classes sociais, porque todos os que amam a ordem, a justiça e o direito sympathisam forçosamente com a causa que symbolisa aquellas tres essencialidades do verdadeiro progresso e prosperidade dos povos.

Além disto o liberalismo tem-se desmascarado tanto e de tal maneira, que a sua impiedade, mais que estulta, repugnante e asquerosa causa, nasceu até aos proprios facinoras, que outra religião não conhecem fóra da do punhal, do extermínio e do roubo.

Em razão disto a causa da legitimidade vai-se diariamente fortalecendo com a adhesão de todos aquelles, que, desilludidos já com a experiencia de tão poucos mas tão agitados annos, veem no liberalismo a ruína total e completa dos povos, como productora fatal mas potente da anarchia.

Segundo a *Correspondencia* de 19 do corrente, D. Carlos teve em Ville-en-Bois, proximo a Bayona, uma conferencia com muitos generaes carlistas, entre os quaes estiveram Rada, Elio, Carasa e Lizarraga, com o fim, segundo sabe e escreve *El Diario del Pueblo*, de acordarem no modo de operar o novo movimento insurreccional, que deve effectuar-se desde o dia 25 do corrente em diante, e discutirem o plano financeiro ou o modo de satisfazer os recursos que lhe tem sido offercidos.

Agora transcrevemos, por nos parecer importante confissão de medo, do *Clamo Publico* o seguinte:

«Tomam a reaparecer na provincia de Geróna as partidas reunidas de Tristany e de Saballo. Vae-se tornando já digno da historia o que na Catalonha succede com as facções, e realmente não se compre-hende como *alibis centenares* (sômente?) de homens estão brincando não só com o governo, mas tambem com o exercito e com o paiz. O general Baldrich tem provado que se em algum tempo soube mandar partidas de trabaqueiros, é inteiramente inepto para com acerto e resultado dirigir as operações contra partidarios TÃO EXPERIMENTADOS E AUDAZES como os que se encontram á frente da insurreição carlista da Catalonha».

«Urge que o governo envie para o Principado generaes e chefes mais experimentados, se não quiser tomar para si a responsabilidade de todo o sangue que se derrame, e de todos os desastres que se succederem».

A isto, e para provar o que temos dito, accrescenta *La Iberia*, periodico verdadeiramente progressista, segundo as opiniões socialistas:

«Não queremos dar credito a certas notícias, que sobre manejos carlistas nos constam. Talvez com exaggeração annunciam os nossos correspondentes cobranças effectuadas em Bayona e outro genero de conspirações demasiadamente criminosas e deshumanas para serem certas. A exaltada imaginação dos despeitados carlistas os faz tomar, como verdades, as suas proprias invenções.

«Um carlista de grande representação em Zaragoza foi chamado pela Junta de Bayona.

«Pela parte de Rion (fronteira franceza) entraram ha poucos dias armas para os carlistas.

«Parece que a justiça franceza (queria de certo dizer auctoridades) está jogando ás escondidas com uns duzentos carlistas occultos em Anglet, os quaes receberam ordens de estar preparados, a fim de, passarem a fronteira no dia 24 ou 25 do corrente».

Agora pertence a vez á *Epoca* do dia 20 de nos dizer:

«As facções de Saballs e Hugnet reunidas e em numero de oitocentos homens passaram hontem em Viladran pouco tempo depois de ter d'aquelle sitio sahido uma columna do exercito.

«Tres grupos carlistas secundados por Almiras, Campo e Morland, depois da dispersão (amadeista devia dizer) do dia 15 dirigiram-se hontem a Manresa. Para o mesmo ponto e em perseguição delles marchava tambem a columna amadeista do coronel Arrando para impedir (se puder fazel-o) que elles cobrem ou recebam as contribuições, que impozeram a muitos e diferentes povos.

Eis aqui como a sublevação, no parecer dos liberes, agonizante, dos carlistas está prestes a soltar um grito de vida para toda a Hispanha e para toda a Europa, cujo indifferntismo excessivo e por isso mesmo criminoso parece despertado com a coragem, intrepidez e inegavel heroismo dos dedicados partidarios da legitimidade em Hispanha, que ha de ser a salvaguarda da Europa.

Não fallamos no catholico estado dos outros partidos, cujos interesses brevemente se hão de degladear no campo da força, porque sobre elle fallam com mais ou menos paixão, segundo os partidos a que pertencem, os muitos e diversos periodicos tanto da Hispanha como deste nosso *lao afortunado* *quo prospere* paiz.

Limitamo-nos tão somente a dizer, que o socialismo, que recebeu auxilio pecuniario do estrangeiro, prepara todos os seus valentes e desinteressados partidarios a fim de ver se poem em pratica na Hispanha os exemplos da communa de Paris. Que o levantamento carlista se fortalece e vigorisa preparando-se para uma campanha em forma, dizem-no diversos periodicos, entre os quaes sobresham *El Diario del Pueblo*, de 20 e *La Correspondencia* de 21 do corrente, o primeiro dos quaes escreve:

«De Pamplona sahio um batalhão de caçadores em perseguição d'alguns carlistas (quantos seriam? perguntamos nós) que

appareceram nas proximidades d'aquella cidade.

«Dizia-se á noute que em Betelu, povo da Navarra situado nas faldas dos Pirineus, limites da Guipuscoa, entre Oyarzun e Dos Hermanas, se tinha apresentado uma partida carlista de 50 homens, e que em todos aquelles povos se notava uma grande agitação; e a segunda publica o seguinte, que nos parece mais verosimil:

«Perto de Bilbao apresentou-se uma pequena partida carlista. D. Carlos parece que mudou todo o estado-maior da sua corte e do seu exercito e se dispõe a empreheer uma nova campanha nos fins do corrente mez.

«Finalmente parece que D. Carlos vae nomear general em chefe das forças carlistas o marechal francez Cathelineau.»

Passando ao que occorre nos outros paizes, cumpre-nos fallar agora da Russia, cujos aprestes militares estão em absoluta opposição com as tentativas e desejos de paz por ella e pela Austria manifestados.

Creando mais dez novas divisões militares e augmentando o effectivo do seu exercito com mais quarenta novos regimentos, esta potencia fortificou-se, pelo menos, com mais 120.000 homens, que muitos politicos creem que são destinados para uma expedição contra o Ran de Khiva, cuja capital foi occupada já pelas tropas moscovitas em 1854.

Se para este fim se para outro foi augmentado o exercito, ha de com toda a evidencia dizer: nós nada aventamos, porque sabemos que em politica nada se póde affirmar.

Da Inglaterra sabemos, que as desordens produzidas na Irlanda pelo antagonismo entre catholicos e protestantes foram muito mais graves do que se disse, porque nelas representaram o seu papel o fenianismo, praga tão flagelladora da Irlanda, como o internacionalismo o é do continente europeu. Em Belfast, uma das cidades mais commerciaes e importantes da Irlanda, as perturbacões continuavam no dia 17, havendo verdadeiros combates entre a policia e o povo, cujo resultado conberido foi a demolição, ou melhor, ruína do quartel da policia e de muitas casas. Alguns periodicos que mostram dar pouca ou nenhuma importancia a estes successos, dizem que para aquella cidade foram enviados novos reforços de tropa; do que se deve colligir que é muito grave o estado do povo irlandez.

ULTIMAS NOTICIAS.

A «Lealdade» de Barcelona assegura que o intepido chefe carlista Galceran está de todo restabelecido de suas feridas recebidas em Sallent. Vae collocar-se á frente da sua partida.

A «Chronica da Catalonha» diz que a partida commandada por D. José Torres, muito reforçada, entrou ultimamente na importante villa de Sort, aonde se enterteram em derrubar uma parede-muralha que servia de parapeto aos liberes.

O «Diario do Povo» diz que os carlistas contrahiram um emprestimo de 10 milhões de francos para se operar o novo levantamento.

A «Epoca» diz que em Bayona, Guethary, Biarritz e especialmente em S. João da Luz, a colonia carlista é numerosissima e tão animada, que todos os dias ameaça invadir a Peninsula. Não cessa a compra de armas.

A «Iberia» diz o seguinte: «A noticia que demos de que os carlistas se aprestavam para novo levantamento, accrescentaremos que o governador de Barcelona, julgando iminente a insurreição, expediu algumas circulares aos povos, chamando alguns acaides que elle julga carlistas, com o fim de vér se é possível impedir, d'algum modo, o conflicto. Desgrazadamente é já tarde; e hoje começam a sair partidas, tomando incremento no dia 8 de setembro, dia da entrada de D. Carlos em Hispanha.»

Na noute de 21 os carlistas metteram grande numero de fuzis e canhões pelo lado de Vidasoa. O comboio entrou sem que ninguém o detivesse.

EXPEDIENTE

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes.

Em Lisboa, o exm.º sr. J. A. no escriptorio do jornal a «Nação», na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.º sr. Anselino Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o illm.º sr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Viana, o illm. sr. Luiz Francisco Pereira, rua da Picota.

Em Lamego, o illm. sr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos a favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio, ao administrador d'este jornal o sr. Joaquim José Vieira da Rocha, rua do Souto n.º 41.

SECÇÃO NOTICIOSA

ritos, mas se não é aquella a causa, pelo menos muito deve concorrer para que hajam miasmas. Esperamos promptas medidas do digno Delegado de saúde.

Exames em outubro. — A folha official publicou hontem a seguinte portaria:

Tomando em consideração as representações que me dirigiram varios alumnos dos lyceus nacionaes do reino, pedindo que continuem a vigorar ainda este anno as disposições do decreto de 28 de agosto do anno passado: hei por bem, conformando-me com o parecer da junta consultiva de instrucção publica, ordenar que sejam admittidos a exame nos lyceus nacionaes de Lisboa, Porto e Coimbra, desde o dia 2 até o dia 10, inclusive, do proximo mez de outubro, os alumnos aos quaes, além do desenho, faltarem sómente até dois exames finais para serem admittidos aos exames de habilitação para a primeira matricula nas escolas superiores do reino; observando-se todas as mais prescripções que se acham consignadas no citado decreto.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço da Ajuda, em 20 de agosto de 1872. — REI. — Antonio Rodrigues Sampaio.

Estende-se a perseguição ás ordens religiosas. — O encarregado de negocios da Santa Sé na Suissa dirigiu ao conselho federal uma nota e um protesto em nome da Santa Sé contra a lei que abole as associações religiosas ferindo assim os direitos e as garantias estipuladas no breve de 1819, que o conselho d'estado acceitára então espontaneamente.

Continua a lei das garantias em Roma. — O governo italiano deu um decreto de expropriação ao convento do Gesù, no qual os Jesuitas eram obrigados a sair no prazo de 12 dias. Vê-se, pois, o quanto é digno da amizade de Bismark, o governo de Victor Manuel! Apenas lhes deixaram 12 das peores habitações das 180 que tinham, e aquellas deixaram-nas porque estavam pegadas á Igreja. Os habitantes de Roma, offereceram suas casas aos expulsos jesuitas. Oh! que liberdade!

Ideias associadas. — Foi dada ordem na Prussia para que saíssem de prompto d'aquelle paiz as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus as quaes são consideradas como uma ordem analogá á companhia de Jesus. Por este modo de interpretar as analogias, bem pôde o sr. de Bismark expulsar a todas as ordens religiosas, porque todas são analogas, pelo menos nas orações que elevam a Deus.

Roubo sacrilego. — Na noite de 9 para 10 do corrente foi roubada a igreja parochial do SS. Sacramento da cidade de Santander, em Hespanha. No curto espaço de um anno já desapareceram de 20 igrejas da referida diocese os vasos sagrados e as alfaias de merito.

Parece incrível que isto se faça n'uma cidade que, além do corpo de vigilância publica e do numero respeitavel de serenos, conta perto de dous mil amadeistas. Além d'isso a Igreja de que se falla toca, por um dos lados, com o quartel de S. Philippe. Levaram muita riqueza e até... até arrombaram o sacrario e levaram o vaso sagrado!

Nunca se viu isto nos tempos d'outra era!

Desde que os liberaes sancionaram o roubo dos conventos e dos templos desde que Espartero e Maria Christina foram vomitados pelo inferno para acoutar aquella nação, os ladrões, á sombra d'um silencio calculado, assaltam a casa do rico proprietario como a casa de Deus. E como não ha-de crescer e multiplicar-se o numero dos ladrões n'aquella infeliz nação se ha 40 annos que o povo aprende do alto, donde havia de vir moralidade, roubos, profanações e sacrilegios!

Não vêem elles recusar-se ao clero a mesquinha dotação com a qual é acceza a alampada que arde ante o tabernaculo do Deus vivo?

Não vêem os templos demolidos: os conventos vendidos, o sanctuario profanado? Que differença entre os tempos a que chamam do obscurantismo mas em que a religião catholica nunca foi insultada e os tempos a que chamam do liberalismo, mas em que o catholicismo é enxovalhado e calcado aos pés!!!

Associações catholicas. — O «Echo de Roma» no seu artigo sobre «Associações catholicas» do n.º 39 (do 1.º de julho), depois de lamentar certa inercia e apathia entre os catholicos de Lisboa, expõem a seguinte lembrança que nos parece mui digna de se aproveitar.

«Existe entre nós uma Commissão catholica permanente, que foi creada por occasião de se mandar congratular o Santo Padre quando attingiu os annos de S. Pedro na Cadeira de Roma.

Porque não convocará essa illustre commissão uma nova reunião de catholicos como a primeira, que tanto enthusiasmo despertou, e tão bons effeitos produziu, afim de se lançarem, as bases d'uma verdadeira associação catholica; ou, — o que ainda nos parece melhor e menos trabalhoso — afim de se inaugurar aqui um ramo da já estabelecida e approvada no Porto? — Humil-

demente lhe submettemos esta idéa, pois que bem lhe pôde dar andamento com seu reconhecido zelo e espirito profundamente religioso. Deus Nosso Senhor largamente pagará o que se fizer pela boa causa em que todos nos achamos empenhados.

Já não seria sem tempo que em Portugal, e sobre tudo na capital se associassem os catholicos, como se tem feito, ou está fazendo, em todos os paizes da Europa, até mesmo nos protestantes.

E bem verdade; mas não nos consta que até hoje se tenha feito nada em Lisboa no sentido indicado. O que se espera?

Um terrivel qui proquo. — Ha poucos dias foi fuzilado em Hespanha, pelo sr. Farrás, um agente eleitoral do sr. Lladós, por se julgar que era um carlista.

Chamava-se João Antonio Rodoa; era mestre-escola, antigo socio da Tertulia liberal de Tarragona, e conhecido n'aquella provincia pelos seus principios progressistas. Tarragona indignada protestou; com ella toda a officialidade do corpo, do qual Farrás era capitão.

Se o sr. Luiz Lorilla não castiga, como deve, o delinquento, fica claro a todas as luzes que elle consentiu, senão mandou, a perseguição aos carlistas indefessos, e que foi elle quem dispoz os fuzilamentos de Montealegre.

Se assim fór, a guerra civil pôde tomar um caracter horrivel.

Para que são tantas precauções? — O governo espanhol desconfia da maior parte da guarnição da praça de Madrid, e por isso chamou algumas forças para fazer facção ao movimento que se espera. E de julgar-o não pequeno visto estar-se em vespas d'eleições e o governo mandar sair tropa de donde lhe é tão precisa.

Deus que'ra que vá a tempo. — O governo espanhol telegraphou ao ministro da marinha para que D. Amadeu apresse, o mais possivel a viagem, afim de que os acontecimentos que se dizem proximos, o não surprehendam fóra de Madrid.

Que tal está o thesouro publico de Espanha! — Os jornaes espanhues dizem, que o governo tem de pagar no prazo de oito dias vencimentos no valor de uns 170 milhões e que os banqueiros não estão dispostos a renovar-os, até o ponto em que se estão protestando letras de grande consideração.

O director do thesouro faz todos os esforços para conseguir a renovação, porém apenas tem arranjado pequenas quantias a 14 e 15 por cento.

E' provavel, pois, que ao reunir das côrtes, se a tal chegarem, os deputados se encontrem a braços com a bancarota, que por enquanto está occulta mas que brevemente, se manifestará.

Uma justa deposição. — A «Epoca» transcreve do «Times» o seguinte: «Dizemos de Paris que o marquez de Nadaillac, perfeito dos Baixos Pyreneos, e o mesmo que foi a S. Sebastião levar ao rei Amadeu a carta de felicitação de Mr. Thiers, foi exonerado do seu posto por se haver negado internar o sr. Calderon, ajudante de D. Carlos de Bourbon.

Foi encarregado da administração do departamento do secretario geral.

M. Nadaillac podia talvez dizer, n'esta occasião, pouco mais ou menos, o que disse Sixto 4.º quando queria castigar os Franciscanos, chamados Menores observantes e viu que os principes seculares os protegiam; *putabam cum peditulosos fratibus bellum sumere, et non cum toto mundo: eu cuidava que havia guerra com uns pobres peditulosos, e não com todo o mundo.*

Onde está D. Carlos de Bourbon? — «A Iberia» confirma o que outros jornaes espanhues já tem affirmado, que D. Carlos está em Bayona fazendo repetidas conferencias com seus partidarios. No dia 19 o duque de Madrid chamou o marquez de Valdespina, que se achava em Bessancourt, e disse-lhe que o movimento carlista havia de romper até o dia 26 de setembro proximo e não até o dia 26 d'agosto como estava annunciado.

O marquez de Valdespina dirigiu-se immediatamente a Biadritz de donde passará ao interior de Hespanha, isto é, ás Yascogadas, segundo o que diz a «Competente».

As mulheres vascogadas manifestam-se muito enthusiasistas, e são as primeiras a provocar conflictos.

A alegria e as esperanças em que se fundam os carlistas a respeito do proximo levantamento está nos perfeitos trabalhos preparados em Cidade Real, Cartagena, Alicante, Jaca, Monzon, Seo de Urgel, Mequinzenza, Peniscola e em alguns outros pontos muito importantes.

Uma opinião insuspeita. — Vizeram correr em Roma felicitações a Victor Manuel por seu filho ter escapado ás ballas dos assassinos. O numero das assignaturas é pequenissimo. Não é fallar á verdade dizer que todos aquelles que não pertencem directamente ao governo recusaram assignar.

Só no municipio de Roma, segundo diz a officiosa «Liberté» vinte empregados regeitaram a honra de escrever o seu nome n'essas congratulações.

Não admira. — A «Capitale» e as folhas do mesmo jaez accusam os padres de serem os actores do attentado de que o duque de Aosta ia sendo victima. Apos-

to que d'aqui a alguns dias os petroleiros terão feito a descoberta de que os assassinos eram jesuitas disfarçados.

O círculo Cavour e o pro-syndico de Roma dirigiram a Victor Manuel telegramas de felicitação. O commandante da guarda nacional e alguns consorti fazem circular participações no mesmo sentido.

São consequentes. — Desde que chegou a noticia do attentado contra D. Amadeu, o governo italiano emprega todos os meios para descobrir os culpados em Roma. Muitas prisões tem sido feitas a torto e a direito. São principalmente os francezes, estabelecidos em Roma, ou nas suas cercanias os mais expostos a estas vexações.

Ha elogios que são vituperios. — A «Opiniões» consagra um grande artigo ás prevaricações dos empregados do governo d'Italia. O jornal officioso exorce-se em demonstrar que á falta de probidade d'esses empregados são apenas casos isolados; deve porém a «Opiniões» receber um desmentido como o que succedeu á «Italia» de 23, por se ter apressado a gabar a segurança, que Roma disfructa; proclamára alto e bom som que os crimes diminuíam na cidade eterna. No mesmo dia a «Nova Roma», órgão da policia municipal, annunciava que, só no domingo precedente, 40 pessoas feridas em desordens tinham sido conduzidas ao hospital da Consolação.

Mas voltemos ao artigo da «Opiniões». O seu author, o judeu Dina, aconselha que se vigiem os empregados subalternos; quanto aos superiores, acha que seria tarefa difficilissima. O sr. Dina falla a favor da sua gente; reprimava-lhe ver vigiadas as mãos agéis dos seus patronos. Para melhor conseguir a indulgência dos leitores o bom israelita nota que em todos os paizes ha empregados infieis. Nada se lhe pôde responder.

Façam lá comprehender a um italianissimo que se pôde estar no poder sem ser ladrão!...

Serão estas as garantias da Cidade eterna? — Ultimamente um capuchinho caminhava tranquillamente pela via dei Cappellari. De repente vê-se cercado por uma turba de má catadura, que o insulta a trozente. Responde-lhe a victima com dignidade; a sua placidez exaspera-a; das palavras passa ás obras; a policia corre e prende... o frade!

Eis o que se chama em Italia vigiar pela segurança publica.

A caninha italiana. — Conta-se que a Senhora Princeza d'Arsohi, filha da Duquesa de Berry e casada com o Principe d'Arsohi, que é parente de Victor Manuel por sua mãe, que foi princeza de Carignan, e parente do rei de Saxe por sua avó, que foi Princeza de Saxe, — foi insultada nas ruas de Roma.

Sabe-se, é verdade, que ella é, como toda a familia de seu marido, muito afeccionada ao Papa Mas tem coragem, e ainda se achava de carroagem com seus filhos, quando disse ao cocheiro que parasse, e, apostrophan-do os homens que a injuriavam disse-lhes: *Vós sois uns insolentes e uns miseraveis!*

«Depois, voltando-se para tres guardas de policia que se riam:

—E' vós sois mais vis ainda, porque em lugar de proteger a ordem não protegeis senão a desordem».

Não são poucos. — Lê-se no «Correio da Tarde»:

«O impio «Diario da Tarde» deu ha poucos dias a entender n'um dos seus artigos de fundo (sem fundamento) que, exceptuando a «Nação» e o «Bem Publico», todos os demais periodicos portuguezes eram racionalistas e não admittiam auctoridade infallivel em materia religiosa superior á pobre e mesquinha razão individual. Para quem escreverá este maconico mata-moros?

Pois que! — para fallarmos sómente dos que agora nós lebram, — as «Leituras Populares», o «Ramallete do Christão», o «Echo de Roma», o «Correio da Tarde», o «Boletim do Clero e do Professorado», de Lisboa, não serão periodicos? E o «Direito», e as «Paginas Catholicas», e a «Pavilão» do Porto; — e a «União Catholica», e o «Futuro», e as «Novidades», e a «Estrella d'Alva», de Braga; — e a «Civilização», e a «Revista Ecclesiastica», de Coimbra; — e a «Atalaia de Valdevez», e a «Religião e Patria», de Guimarães, e a «Atalaia», de Vizeu, e a «Voz da Verdade», de Ponta Delgada — para não fallarmos do «Campeão das Provincias», d'Aveiro, do «Braçarense», e da «Correspondencia do Portugal» que ás vezes parece quererem nadar entre duas aguas — não serão por ventura todos estes, e outros mais que provavelmente nos escapam, não serão repetidos periodicos portuguezes? Ah! meentingueros maconicos meentingueros maconicos, falta-vos a probidade e o sauto temor de Deus; mas não sei se vos falta ainda mais o juizo.

Em todo o caso desejamos do coração que peças a Deus e que encontreis o que vos falta.

Grande combate, em Vidrá, entre Saballs e Hidalgo. — O chefe carlista Saballs chegou a S. Pedro de Torre-

lô, no dia 18 de agosto, com mil homens; é afavel, delgado e sumamente cortez. Mostrou aos seus amigos as medalhas com que Pio IX o condecorou, e bem assim uma carta de D. Alfonso, a qual continha noticias mui importantes.

No mesmo dia, á tarde, dirigiu-se Saballs para Vidrá afim de se encontrar com o brigadeiro Hidalgo, o que aconteceu, havendo entre as tropas amadeistas e as carlistas renhibilissimo combate, ficando a victoria do lado dos carlistas.

Segundo as noticias de pessoas que fallaram com os proprios liberaes que assistiram ao combate, a columna amadeista ficou completamente desfeita. As calles de Vidrá estavam cheias de feridos liberaes, e diante da Rectoria achavam-se quatro carlistas mortos.

Entre os mortos conta-se o tenente coronel, segundo chefe da columna amadeista, e entre os feridos o mesmo brigadeiro Hidalgo, a quem um dos que conduziam bagagens levou ás costas. Morreram na acção sete ou oito cavallos da columna liberal. Antes da acção e quando Hidalgo se dirigia para Vidrá por Salgueda, o invicto Saballs exclamou: «Hoje, o Hidalgo acabará comigo ou eu comtigo».

Os voluntarios acclamaram com enthusiasmo este rasgo de valentia.

Foi coincidência e não proposito. — O cardeal, arcebispo de S. Thiego, dirigiu-se a Betanza na visita de sua diocese.

Não se acha, portanto, na grande basilica do Zebedo, na segunda Jerusalem, para onde se dirige D. Amadeu afim de visitar o sepulchro do Apostolo S. Thiego, patrono da Espanha.

Aconteceu agora o mesmo na saída do cardeal e na chegada de D. Amadeu o mesmo que aconteceu com o cardeal arcebispo de Valha do Ciel, o qual tambem se achava em ponto distante d'aquelle em que passava o duque d'Aoste.

O Imparcial diz que o Cardeal Arcebispo, fóra trabalhar contra os candidatos radicais. E' até onde pôde chegar a imprudência do jornalismo liberal!

Mais uma canonização. — No dia da Assumpção, publicou solemnemente Sua Santidade o decreto da canonização do veneravel Carlos de Sezze, das menores reformadas; para isso, depois de ter celebrado o santo sacrificio da missa, foi Pio IX á sala do throno onde o esperavam o cardeal Patrizzi, prefeito da Santa Congregação de Ritos; o cardeal Pitra relator da causa da canonização; o secretario da dita congregação, e outros. Depois de reunidos o Santo Padre ordenou ao secretario que lesse o decreto em que se declaram os milagres feitos pelo veneravel Sezze.

Em seguida o advogado da causa e outros, pediram com as formalidades do estylo a S. Santidade que publicasse o decreto. O Santo Padre, com admiravel eloquencia, lhes respondeu, e se despediu d'elles dando-lhes a benção.

Os motins em Roma. — Insulta-se em Roma tudo o que é respeitavel e sagrado. Durante os motins, uns cincoenta padres foram perseguidos, encerrados e catelados. Cita-se o Rev. Reitor do collegio americano do Norte M. Sineoni, secretario da santa congregação da Propaganda, e o illustre jesuita P. Sécchi.

Houve na praça Navona a explosão d'uma bomba Orsini, que feriu um mancebo chamado Sironetti e duas mulheres do povo. Gritos de Viva a Republica! Viva Garibaldi! jurtos aos de Murray os padres! Abaixo a Religião! Mrrra o que nos creou!!! eram levantados por brutos com figura de homiens; diz-se que entravam n'isto muitos judeus. Mas á chegada dos guardas de segurança que prenderam tres bandidos, a multidão dispersou, e em dois minutos a praça parecia deserta.

Os amotinadores apprehenderam alguns milhares de exemplares do jornal «la Frusta» e dispersaram parte, e parte lançaram-na ao Tibre. A' noite, houve folga. Mas hontem á noite, segunda feira, estas representações detestaveis recommencaram na praça Navona e em outros bairros. A dizer verdade, numerosos destacamentos de gendarmes, policias, e companhias de soldados estavam encarregados de não deixar tomar á desordem demasiada extensão e grandude.

Um artista chapelleiro arengou ás turbas, para a excitar a acabar com os padres, protestando além d'isso que era servir os interesses de Victor Manuel e da Italia. Quando o prenderam e metteram n'uma carroagem deu os gritos de Viva o rei! Os seus amigos quizeram solta-lo e perseguiram a força publica com suas gritarias. Um tiro de revolver feriu, dizem, um pobre diabo; depois tudo socegou.

«Esperam-se novas desordens esta noite».

«Como é que a população não ha-de estar excitada? Espalham-se contra o clero as accusações mais infames. N'este momento mesmo, ouço gritar na rua, aos rapazes encarregados dos papeis impressos: — Comprai o bolletim extraordinario,

que acaba de sair, Crimes atrozes commetidos em Avino por um frade Dominicano Noticias do Vaticano. Por um soldo!

Que é uma lagrima.—As lagrimas foram analysadas por Foureroy Vanquelin. A agoa forma o seu elemento principal. Esta agoa contém em dissolução alguns centesimos de substancia animal, que se chama mucus, uma pequena porção de sal marinho, de soda, de phosphato de cal, e de phosphato de soda.—Os poetas gregos davam-lhes frequentes vezes o epitheto de salgadas; os nossos servem-se com preferencia do epitheto de amargas, que sendo talvez mais euphonico, é sem questão menos exacto.

Fazendo-se seccar uma lagrima, a agoa evaporar-se e ficam saes, que privados do seu dissolvente, formam linhas de christaes, que facilmente podem ver-se ao microscopio.

As lagrimas são segregadas por uma glandula, que se chama glandula lacrimal—a qual está situada no alto da orbita, por baixo da palpebra superior, do lado da fonte. Partem d'ella seis ou sete cannaes excessivamente delicados, que descendo pela espessura da palpebra, se abrem na sua face interna, um pouco por baixo da cartilagem que sustenta as pestanas. São estes cannaes que conduzem as lagrimas ao olho. As lagrimas não correm só n'aquelles instantes excepçoes, em que a sua produção se torna particularmente abundante, mas continuamente por estes orificiosinhos, espolhando-se sobre a superficie da cornea—precisando ser renovadas não só por que se evaporam, mas continuamente se gastam. E' no angulo do olho, situado para o lado do nariz, que estão os cannaes destinados a absorvel-as—chamam-se pontos lacrimaes. São dois poros pequeninos, abertos nas embaixas que se encontram n'este sitio, conduzindo a dous cannaesinhos que se despejam no interior do nariz, depois de se haverem reunido.

A utilidade das lagrimas nos animaes é facil de comprehender, por que a parte anterior do olho estaria constantemente secca, e cheia de poeira: se um fiodo limpido a não lavasse constantemente. E' esse o motivo por que é preciso que a produção das lagrimas, e a sua impulsão pelas palpebras sejam continuas.

Para este effeito, que é ordinario, basta pequena quantidade de lagrimas. Mas quando o olho soffre qualquer injuria mais grave, as lagrimas produzem-se logo com a abundancia necessaria para melhor o proteger.—Assim que um insecto, ou um grão de poeira cahe no olho, as lagrimas affluem, tornam menor a dureza do contacto, e tendem mesmo a levar na sua corrente o corpo estranho.

Eles tem razão.—Ha poucos dias escrevia o nosso illustrado collega o «Correio da Tarde», de Lisboa:

«O correspondente de Lisboa para o «Combricenses» lamenta-se muito dos festejos-pirraça, porque, diz elle, os taes festejos «vão resuscitar um partido morto». Como é facil obrar-se um milagre! Estes libertas sempre são milagrosos e milagrosos até não mais!

Tem graça.—Damocles jantava tendo por cima da cabeça uma espada suspensa por um cabello.—Era perigoso, não por causa da espada—mas por causa do cabelo, que lhe podia cabir na soppa...

Bazar em Molares de Baste.—O dia 13 do corrente estava designado para na egreja de Molares se inaugurar uma imagem do Coração de Maria, obra do bem conhecido escultor Vieira, para cujo fim a aggregação das Filhas de Maria d'este Concelho tinha obtido valiosos objectos que n'esse dia deviam ser vendidos em bazar.

Como, por ainda não estar concluida a imagem, não pudesse ter logar n'aquelle dia a solemnidade em que se esperavam entusiasticos festejos, limitou-se a uma brillante oração do distincto ornamento da tribuna sagrada o R.º P.º Martinho Antonio Pereira da Silva, que se elevou a altura do assumpto, deixando o numero auditorio satisfeitissimo, e depois do bazar annunciado, ficando para quando se verificaria a inauguração da imagem transferidos os mais festejos.

O recincho elegantemente preparado no espaço adro da egreja de Molares, onde estavam com gosto dispostas as numerosas prendas offeridas por varias familias d'este e outros concellos, prendia as attencões de todos.

A escolhida sociedade que abrihantou este acto, cujo fim religioso e social todos sabem comprehender deu a este genero de diversão, que pela primeira vez se iniciou n'esta terra, o mais luso e splend.

Apesar de em muitas freguezias d'este concelho se festejar a solemnidade do dia, e por isso não poderem comparecer algumas familias, foi contudo grande o numero de pessoas de todas as condições, que, vencendo as distinctas e desprezando os ardores do excessivo calor, concorreram ao bazar, respaldando no rosto de todas a luz da alegría; e quando o adiantado da hora as obrigou a retirar-se bem se via o faziam a custo.

Nem no bazar nem no leilão e rifas linaes, cujo resultado excedeu toda a espec-

tativa, poderam ser vendidos todos os objectos e mesmo muitos dos que o foram, tornaram a ser offeridos, e por isso ha ainda grande numero de prendas para outro bazar o qual nos consta, que mais tarde se effectuára.

Durante o bazar a banda dos srs. Machados tocou algumas peças de musica, o que também concorreu para maior distração: Emfim foi um dia que deixará por muito tempo impressas recordações saudosas.

As manifestações officinaes a favor de Amadeu.—Eis o que se passou com a plebe soberana a respeito d'uma manifestação contra a conspiração do duque de Aoste: são noticias vindas de Roma. O assassinio é um d'aquelles crimes terriveis, que nenhum motivo poderá justificar, nem mesmo desculpar. Por isso o attentado contra os dias de Amadeu excitou a indignação de todos os romanos, quaesquer que sejam as suas opiniões politicas. O assassinio, ainda que seja assassinio de um ladrão, é sempre um assassinio, mas por isso o ladrão não deixa de ser um ladrão.

A «Consorteria» desconheceu esta verdade; quiz aproveitar a occasião para organizar uma demonstração a favor da casa de Saboia, e como já vos disse, não conseguiu senão obter um fiasco completo. Para compensar o mau resultado da manhã, pensaram em nos dar uma manifestação de noite. Graças ao auxilio do circulo Canova, juntaram alguns centos de maltrapilhos que appareceram de bandeira em frente, pelas oito horas e meia, na praça de Hispanha. Elles gritavam com toda a força: Viva Amadeu, rei de Hispanha! Morrãam os padres!! Morrãam os assassinos!

O ministro de Hispanha, que de proposito tinha voltado do campo, appareceu na varanda do seu palacio e agradeceu a plebe soberana. Suas palavras foram recebidas por uma recrudescencia de vociferações.

Não querendo ser menos generosos que os que lhe tinham pagado, os demonstrantes voltaram aos gritos de: Viva Amadeu! Abaixo as corporações religiosas! Abaixo a instrucção clerical! Morrãam os jesuitas!

Tomando o entusiasmo esta feição, M. de Montemar julgou prudente aconselhar ao povo que se dispersasse, afim que a demonstração não servisse de pretexto aos inimigos do progresso para perturbar a ordem publica. Alguns dos manifestantes se retiraram, mas a multidão, á qual tinham prometido mais, e que queria aproveitar a auctorisação de fazer tumulto, dirigiu-se á Via dei Condotti e ali defronte do mosteiro dos trinitarios e por uma e outra parte, continuou suas blasphemias e seus gritos sanguinarios.

Appareceu, emfim, um commissario de policia, e, depois, de ter obtido algum sociego, persuadiu os perturbadores a retirar, assegurando-lhes que o ministerio saberia livral-os das ordens religiosas.

Uma voz gritou d'entre a multidão: a Gesu! e eis a turba a caminho! Quando chegou á praça situada entre Gesu e o palacio Altieri, tinha atingido o paroxysmo do furor. Achando-me ali, pude observar que uma certa disciplina reinava nas suas fileiras. Os diversos gritos sacrilegos eram sempre entoados pela mesma voz, e a multidão respondia em coro. Um grande numero de gendarmes e de agentes de policia estavam reunidos defronte de Gesu, não para proteger os padres, mas porque não havia duvida que os amigos da casa de Saboia iam roubar.

Com effeito uma voz exclamou: ao palacio Braschi! e a multidão, engrossada pelos curiosos, obedeceu com uma promptidão maravilhosa. Chegando debaixo das janellas do ministerio do interior, um chamado Stampanoni tomou a palavra e fallou sobre os clericos e consorti. Acabou a arenga por estas palavras: Abaixo Lanza! Abaixo a instrucção religiosa! Viva Correnti! Viva a instrucção secular!

Do palacio Craschi o povo soberano sempre berrando e blasphemando, correu para a praça Colonna.

Ahi o famoso Caprara, sacerdote desfraldado e hoje pregador evangelico, tomou a palavra para o beneficio de ter assido a uma manifestação em honra da casa de Saboia, lamentando ao mesmo tempo ter ouvido gritar: Abaixo a religião!

A religião, disse elle, é a base da sociedade.

O ponto está em distinguir a verdadeira religião da religião dos padres romanos. Esta allocução foi mal recebida pelo auditorio.

Responderam-lhe com os seguintes gritos: abaixo todas as religioes!

Até procuraram apoderar-se do desgraçado apostata para o lançar ao tanque da praça Colonna, e o teriam conseguido, se não fosse a intervenção dos gendarmes que conduziram o desastrado orador á administração.

A desordem durou pouco mais ou menos duas horas. O governo pode conceber-se que se é facil organizar demonstrações, é muito mais difficil de prever as consequencias. Tal é a ordem moral e a tranquillidade que reinam em Roma. Não entanto, a officiosa «Libertá» nos annuncia que todos os ministros estão accordes sobre

quasi todas as partes da questão relativa á suppressão das ordens religiosas; digna-se além d'isso de nos particpar que o governo fará preceder esta lei geral d'uma lei especial contra os jesuitas. Vós o védes, Roma torna-se uma succursal de Berlim.

OPINION DA BANDA

Ao Ex.^{mo} Concelho de Districto e Illustrado Publico.

Tendo o Ex.^{mo} Conselho de Districto em 25 de junho proximo passado, devolvido á junta de parochia de Fão o seu organamento em que estava exarado o respectivo accordo, no qual se ponderava ser contra a lei os enterramentos dentro das egrejas que são casa d'oração e não sepulturas de podridão: que eram contra a saúde publica, e que no caso presente podiam dar logar a uma epidemia na freguezia, no concelho e até no districto: que fosse votada unicamente a quantia precisa para o soalhamento da egreja e que o resto da quantia votada fosse applicado para a construção d'um cemiterio ou melhoramento do que já tem, cujo terreno seria marcado pela camara municipal: que d'isto se levantasse planta e que com o respectivo organamento fosse tudo enviado ao Ex.^{mo} Conselho de Districto para tudo ser devidamente apreciado: será possível que se não cumprá á risca este accordo tão civilizador, tão justo e tão legal? Será possível que continuem ainda dentro das egrejas d'aquelle freguezia os enterramentos? Será possível que isso consintam aquelles que proferiram accordo tão sabio?

O homem que pensa e não ignora a força da lei responde convicto do que diz:—Ha-de precisamente seguir-se o desprezo á lei, a desconsideração ao executor d'ella, o cahos, emfim, o que é impossível: quem não ignora o vigor da ordem imperativa emanada da autoridade legal, responde sem hesitar: para a freguezia de Fão em que se dá a especial circumstancia de proceder agora ao total encaixilhamento ou soalhamento (como deve ser) da egreja suu a hora fatal de dar cumprimento aos D. D. de 21 de setembro e 8 de outubro de 1835 e 3 de janeiro e l de L. de 27 d'abril de 1837!.. Ha-o de cumprir-se estas leis! Nem mais um cadaver dentro dos templos sob pena de exemplar punição contra quem a tanto ousar oppôr-se! A sentença é irrevogavel porque é justa!..

Quem não pensa, quem ignora a força da lei, quem se convenceu que facil e impunemente se desobedece á autoridade, como parece pensar em sua inseasonatez e teimosia a referida junta (e sem excepção alguma, o que não devia esperar-se) responde como ella: Não cumpriremos aquelle accordo porque não queremos cemiterio: temos que farte egrejas para nos enterrar: não construiremos nem sequer fallaremos em cemiterio, nem ainda faremos uso do excellento cemiterio da Boa-morte, embora já lá estejam 150 dos nossos irmãos: mas gastamos na egreja tão grande somma para agora irmos para o cemiterio: tabunaremos a egreja, diremos á autoridade que a soalhemos, e assim continuaremos dentro os enterramentos, em quanto nós o quizermos, illudindo assim o fim do accordo, que era certamente cessarem dentro os enterramentos: para tanto temos pela nossa parte as autoridades municipaes e administrativas: junto do Ex.^{mo} Governador Civil temos nós algum que faz milagres quando algum lhe pede: não faltarão deputados: por consequencia ainda d'esta vez não teremos o cemiterio, que apenas quer uma duzia de espartalhões que julgando serem tudo, nada são n'este mundo sublimar. Os finos também se enganam!!

Em sua vaidosa estulticia fallou assim a insipiente junta! Viu-se já maior descoço? Nem se lembrou a illustrada junta que comprometten assim pessoas que de forma alguma a podem proteger em causa que a lei desprezate e circumstancias peculiares, expostas já n'um bem elaborado protesto altamente condemnam!.. No presidente da junta, ao menos, devia haver um pouco mais de senso, e um pouco menos de teima.... Cremol-o o mais culpado.... Perante á lei é os interesses geraes são nada os interesses e commodidades pessoas.... Que importam as conveniencias e interesses exclusivos do parochio?... Esqueceu-se a sabi junta que era tarde: que já agora é irrevogavel aquelle sabio accordo: que cavalleiros do quilate d'aquelles que o proferiram nem se contradiziam jamais, nem jamais se deixariam illudir: que esta causa é d'aquellas que envergouha quem por ella se interessa: não se pode ser progressista e retrogrado simultaneamente!..

Quem vencerá pois? As trevas ou a luz? O subdito ou o superior? A ignorante insolente junta ou o sabio e illustrado Concelho de Districto?

E' pelo que ficamos a esperar e diligentemente a observar para em breve voltarmos á questão; ou para louvar, como é d'esperar, o integerrimo Concelho de Districto, ou para o verberar, o que muito sentiremos. Queremos obediencia ás leis que para

isso se fizeram ellas: succeda o que succeder, voltaremos aqui a dar o seu a seu do-nos. Fica já tomado o logar para darmos a esta questão toda a publicidade. Resulta tanto bem do cumprimento das leis, como mal do desprezo d'ellas.

Fique-se desde já sabendo que ha 2 annos foi dissolvida e proçessada depois á junta de Parochia da mesma freguezia, por não querer cumprir o que do mesmo Governador Civil lhes era ordenado! Será das agoas?..

11 d'agosto de 1872

Um observador

D. F.

AGRADECIMENTO

Maria Angelina d'Oliveira e seus filhos o R.º Secundino Antonio da Silva e Antonio José da Silva, da freguezia de Caires concelho d'Amareis, José João da Silva Oliveira e Manoel Joaquim da Silva Oliveira, residentes n'esta cidade; em extremo penhorados pelos muitos obzequios que receberam de todas as pessoas que os comprimentaram, acompanharam o cadaver e assistiram aos officios de sepultura que tiveram logar na egreja da dita freguezia no dia 13 do corrente por alma de seu chorado marido e pae João Baptista da Silva; e bem assim dos R.ºs ecclesiasticos que gratuitamente tomaram parte nos ditos officios e celebraram missa por alma do finado; e não lhes sendo possível agradecer-lhes pessoalmente como desejavam, o fazem por este meio protestando a todos o mais vivo e perpetuo reconhecimento

— (78) —

ANNUNCIOS

A NOVIDADE

O jornal litterario e instructivo, denominado *A Mocidade*, que se publicou até ao n.º 6, por uma sociedade, ficou sendo do n.º 7 em diante, propriedade do sr. Ximenes Leopoldo Correia, sairá regularmente todas as semanas e por isso enviamos a V. S.ª o presente prospecto apresentando as seguintes vantagens que tornam favoravel a sua assignatura.

A quem assignar por 6 numeros, adiantado, terá direito á collecção.

Collaboradores

- A Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria José da Silva Canuto
- Os srs. Theophilo Ferreira.
- Antonio Florencio Ferreira.
- Pedro Carlos d'Alcantara Chaves.
- J. M. da Silva Albuquerque.
- João Antonio de Mattos.
- J. T. Vidal.
- J. L. Augusto Costa.
- Fernando Correia.
- D. V. Cardoso da Gama.
- Julio Rocha.
- C. C. Rodrigo de Faria.

Preço de cada folha 20 réis pagos no acto da entrega, para as provincias, por 6 n.ºs 150 réis, pagos adiantados.

Todas as correspondencias devem ser dirigidas, francas de porte, ao proprietario da *Mocidade*, á typographia da rua dos Cardeaes de Jesus, 36.

Este jornal vende-se no kiosquo do Rocio e nas lojas do costume.

BRADOS D'ALTA

Collecção de diversos escriptos sobre assumptos de religião, philosophia e litteratura

POR

CUSTODIO VELLOSO

Preço..... 500 réis

(Pagos no acto da entrega)

Assigna-se na redacção d'este jornal.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Liros em segunda mão á venda na Livraria Catholica, Rua do Souto e na Livraria d'Eugenio Chardron, Largo dos Terceiros—Braga.

- Antoine (G.) — Compendium Theologia moralis universae, 1802. 2 vol. enc. 500
- Bellrão (J. D.) — Breve tratado da actual disciplina da Egreja Lusitana, 1817. 1 vol. 4.º 300
- Benedicti XIX (S. D. N.) — Constitutiones selectae, nec non bullae, decreta, epistolae, etc. Parochias, confessoris etc, 1784. 2 vol. 4.º gr enc. n.ºm 720
- Benedicti XIX (Pastoral de N. SS. Padre), de gloriosa memoria, sendo cardinal arzo-bispo de la Santa Iglesia de Bulonica, e instruccioes ecclesiasticas para su diocesi; traducidas del toscano por el R. P. Fr Facundo Raulin, 1775, 2 vol. 4.º enc. 800
- Benedicti XIX (S. D. N.) — De sy-

- noso diocesana, 1775. 2 4.º gr. enc. 800
- Berger — Dictionaire de theologie morale, édition augmentée du plan de la theologie, 1858. 4 vol. 4.º enc. 2:400
- Bevardi. (G. S.) — Decretalium professoris commentaria in jus ecclesiasticum universum, 1789. 2 vol. 4.º gr. enc. 800
- Cavallario — Institutionis juris canonici, ac. sex tomos distributae, 1796. 6 vol. 4.º enc. 12:000
- Defensor (O) da religião -- em palestras religiosas, em socorro dos R. R. Parochos, com homilias para todos os domingos, em disputas com incredulos, motivo e origem d'estas disputas. Catecismo Catholico pelo Defensor da religião, 1837-1840 14 vol. 4.º enc. em 7 vol. 2:500
- Gavrell — A dolorosa paixão de Nosso Senhor Jesus Christo segundo as meditações de C. A. Emmenchi, 1842. 1 vol. 4.º enc. 400
- Gomes (V.J.) — A biblia da natureza ou a religião Catholica demonstrada pela natureza e razão, 1836. 1 vol. 4.º 300
- Le Febvre — A unica religião verdadeira demonstrada contra os atheos, deístas, e todos os sectarios, Trad. por Angelo dos Santos, 1781. 1 vol. 8.º enc. 250
- Pape (Du) — par l'auteur des considerations sur la France, 1819. 2 vol 4.º enc. 500
- Royoumont — Historia Sagrada do velho e Novo Testamento, com applicações e doutrinas dos SS. Padres; — trad. por L. P. da Silva ed. 1791 2 vol. 8.º enc. 400
- Salomo et M. Gelbert. — Regula clerici, ex sacris litteris sanctorum patrum monumentis, ecclesiasticis que sanctionibus excerpta, 1829. 1. vol. 8.º enc. 360
- Serafim da Conceição (Fr.) — Novo confessor instruido na pratica do confessorio; doutrina extrahida da escriptura, Concilios, santos Padres etc. 1814. 4 vol. 8.º enc. 800
- S. Luiz (A.) — Mestre de ceremonias, que ensina o rito romano, e serafico aos religiosos da reformada, e real provincia da Immaculada Conceição, 1780. 1 vol. f.º enc. 1:440
- Thomaz dos Reis (A.) — Methodo da liturgia Bracharensis em que se expõem fundamentalmente e com clareza o modo de celebrar com a devida perfeição o Sacrosanto sacrificio da Missa assim rezada, como cantada etc., 1837. 1. vol. 4.º gr. 500
- Villa do Conde Carneiro. (Fr. Franc.) — Dissertação theologica e canonica, em que se mostra serem devidas por diferentes principios as oblações, 1794. 1 vol. 8.º enc. 200
- Araujo — Cursus theologicus 1734 2. vol. f.º enc. 1:000
- Azevedo — Discursos morales en las fiestas de la Reina del cielo nuestra Senora, 1602. 1 vol. f.º enc. 800
- Berti — Opus de theologicis disciplinis, 1760 7 vol. f.º enc. 3.º 2:000
- Gamel — Prolegomea e dissertationes Sacrae scripturae, 1734 2 vol. f.º enc. 1:200
- Ceremonial — monastico reformado da congregação de S. Bento de Portugal 1820 1 vol. f.º enc. 2:00
- Conceição. (Mel. da) — Ceremonial serafico e romano para toda a ordem Franciscana, 1730. 2 vol. f.º enc. 1.º 2:000
- Constituções synodales do Bispo do Porto, novamente feitas e ordenadas por D. João de Souza, 1690. 1 vol. f.º enc. 1:500
- Du Hamel — Biblia sacra, vulgatae editionis 1748. 2 vol. f.º enc. 2:000
- Hugonis de S. Caro — Opera omnia in universum vetus et novum testamentum 1703. 8 vol. f.º enc. 4:000
- Le Blanc — Psalmorum davidicorum analysis, 1726. 6 vol. f.º enc. 3:000
- Nogueira — Expositio Bullae cruciatae lusitana, 1716. 1 vol. f.º enc. 600
- Reiffersuel — Theologia moralis brevis, clasaque methodo comprehensa, 1758. 2 vol. f.º enc. 1.º 600
- Roncaglia — Universa moralis theologia qua non solum principia & ad usum confessorium, 1736. 2 vol. f.º enc. 1.º 600
- Salmanicencis — Cursus theologia moralis, 1734. 6 vol. f.º enc. em 3 vol. 2:400
- Thomassino — Vetus et nova ecclesiae disciplina circa beneficia et beneficiarios, 1730. 2 vol. f.º enc. 2:000
- Vieira F.) — Voz evangelica que nos mudos os caracteres etc. 1708. 1 vol. 1.º enc. 1:000

EDITOR

J. J. V. da Rocha.